

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 1

(EFOMM - 2026)

A invenção da laranja

Fernando Sabino

A laranja foi um dia inventada por um grande industrial americano, cujo nome prefiro calar, mas em circunstâncias que merecem ser contadas.

Fruta cítrica, suculenta e saborosa, ela começou sendo chupada às dúzias por este senhor, então um simples molecote de fazenda no interior da Califórnia. Com o correr dos anos o molecote virou moleque e o moleque virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos laranjais: apaixonou-se pela filha do dono da fazenda, meteuse em peripécias amorosas que já inspiraram dois filmes em Hollywood e que culminaram nas indefectíveis flores de laranjeiras, até que um dia, para encurtar, se viu ele próprio casado, com uma filha que outros moleques cobiçavam e dono absoluto da plantação.

Passou a vender laranjas. Como, porém, invencível fosse a concorrência de outras fazendas mais prósperas e a sua assim não prosperasse, resolveu um dia dar o grande passo que foi o segredo do sucesso do inventor da coca-cola, resumida num sábio conselho que lhe deram: engarrafe-a. Impressionado com essa história, resolveu engarrafar as suas laranjas.

Pior foi a emenda que o soneto, no caso a garrafa que a própria casca: depois de empatar todo o seu dinheiro numa moderna e gigantesca maquinaria de espremer laranjas, que dava conta não só das suas mas da produção de todos os outros plantadores da região, que passou a comprar, verificou que a garrafa não era o recipiente ideal para o caldo assim obtido, não só porque o preço dela não compensasse, mas também e principalmente porque o vidro não preservava devidamente as qualidades naturais do produto em estoque, que, com o correr do tempo, acabava se azedando. Tinha mania de perfeição, o nosso homem, perfeição que, tornada realidade pela

eficiência da indústria moderna, e possibilitada pelas virtudes alimentícias da própria fruta, levaram-no à prosperidade que ele, hoje, sem trocadilho, desfruta.

Tendo, pois, implicado com a garrafa, e disposto a fazer chegar ao consumidor o suco da laranja com todo o cítrico frescor que a fruta diretamente chupada proporciona, houve por bem que enlatá-lo seria a solução. Lamentável engano! Cedo percebeu que o produto assim acondicionado apresentava, entre outras desvantagens, a de não dar lucro nenhum. Mas, o que era pior, para que o suco em conserva não adquirisse, com o correr do tempo, aquele sabor característico dos alimentos enlatados, tornava-se necessário adicionar-lhe alguns ingredientes químicos - o que, evidentemente, ia de encontro à mais específica das virtudes do seu produto, que era a de ser natural.

Experimentou então as caixinhas de papelão parafinado, sem tampa, mas tão-somente com um pequeno orifício obturado, pelo qual o consumidor introduziria um canudinho, podendo assim beneficiar-se do produto sem que este se expusesse aos efeitos nocivos a que o sujeitam as mudanças de recipiente. Logo verificou, porém, que esta embalagem também apresentava sérias desvantagens, como a da sua fragilidade, quando submetida aos rigores dos transportes de cidade para cidade em grande quantidade.

Depois de tentar sem resultado todas as espécies de recipientes existentes, desde a madeira até a matéria plástica, começava a desanimar, quando lhe chamou a atenção a quantidade de casca de laranja que diariamente sua fábrica confiava à eficiência expedita dos lixeiros. Talvez a ideia tenha nascido apenas da necessidade de aliviar o trabalho deles, diminuindo o lixo e aumentando o lucro - o certo é que se pôs a cismar numa maneira de aproveitar tamanha quantidade de cascas (sabia, por experiência, que ao consumidor desagradavam as laranjas espremidas com casca) quando tal cisma se ligou à outra, relativa ao recipiente - e a ideia nasceu. Então imaginou, encomendou e mandou instalar uma aparelhagem completamente nova, destinada apenas a extrair o miolo da laranja através de um orifício, sem inutilizar-lhe a casca. Em pouco apareciam no mercado as primeiras

laranjas contendo no seu interior o suco já espremido.

A ideia não foi avante. Para que a casca, assim transformada em recipiente, não murchasse em poucos dias, tornava-se necessário um beneficiamento artificial extremamente dispendioso, que garantisse o permanente frescor do caldo como só a película natural dos gomos até então fora capaz.

Eis que o nosso grande industrial descobre repentinamente que o suco, para se manter fresco e natural, deverá ser conservado no interior dos próprios gomos da laranja e os gomos no interior da própria casca, inventando assim o melhor acondicionamento de seu produto que jamais tivera a ventura de imaginar. Com a grande vantagem, entre tantas outras, de poder ir diretamente das árvores ao consumidor, o que assegurava um mínimo de trabalho e um máximo de rendimento. Deslumbrado com sua invenção, correu à repartição pública mais próxima e encaminhou um pedido de patente. Tempos mais tarde, vendeu-a juntamente com sua aparelhagem e seus laranjais a um próspero fazendeiro da vizinhança, mudou-se para Nova Iorque e com o dinheiro comprou um rico apartamento em Park Avenue, onde, dizem, vive muito feliz, chupando laranja o dia todo.

Fonte: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Org). *As cem melhores*

crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. (texto adaptado).

Com base na leitura do texto de Fernando Sabino, é INCORRETO afirmar que:

- A)** o industrial americano iniciou sua relação com a laranja ainda jovem, na fazenda onde cresceu.
- B)** o industrial conseguiu sucesso imediato ao acondicionar o suco da laranja dentro de sua casca para vender no mercado.
- C)** mesmo após obter sucesso em seus empreendimentos, ele permaneceu em seu país.
- D)** após a invenção, o industrial vendeu seus bens e se mudou para Nova York, onde vive confortavelmente.

QUESTÃO 2

Texto I

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens

das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas :em criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências “ao gosto do cliente”, como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza, O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala

industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

DA, O Globo, em 10 de julho de 2019.

Sobre as ideias expressas no texto, é correto afirmar que:

- A)** o poder de persuasão das fake news é maior em populações com menor escolaridade e com idade avançada.
- B)** as fake news alcançam pessoas com mais estudos, uma vez que estão comumente ligadas ao viés político.
- C)** as fake news espalham-se rapidamente graças ao poder de compartilhamento das redes sociais.
- D)** o conceito de fake news vem de séculos passados, e a História não apresenta uma data oficial de sua origem.

QUESTÃO 3

“E, como se cumprisse um ritual, após passar e repassar várias vezes a flanela, colocou a carabina não de volta à arca, mas dentro de uma caixa de papelão que tirou de sob a cama onde já deveria estar há muito tempo, e da qual saiu, sendo morta por ele, que a amassou com a ponta do sapato, uma barata gorda e muito vermelha, dessas que as pessoas, mesmo não querendo, acabam sentindo nojo ou repulsa.”

LOPES, Carlos Herculano. **O último conhaque**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Record, p. 51.

O uso de conjunções coordenativas e subordinativas favorece a fluência do discurso direto, com as múltiplas vozes dos personagens. O texto de Carlos Herculano se caracteriza, predominantemente, como do gênero:

- A)** injuntivo.
- B)** narrativo.
- C)** descritivo.
- D)** dissertativo.

QUESTÃO 4

A preguiça mental

O comodismo nos induz à preguiça mental. O efeito disso é a procrastinação de atitudes que

mereciam ser tomadas em benefício próprio. É quando se insiste em não encontrar respostas para os problemas dentro de si mesmo e se fica numa posição de passividade, deixando que outros encontrem as soluções para os seus dilemas. A inatividade do pensar permite que ideias alheias sejam aceitas sem que o indivíduo as discuta consigo mesmo.

Agindo assim, na inércia do pensar, fica potencializada a incapacidade de distinguir o que é certo e o que é errado, e as ações individuais passam a ser determinadas pelo que os outros decidem. Quem não tem opinião própria perde a individualidade, por- que é influenciado pelas mentiras primárias a que tem acesso. É assim que os tiranos conseguem formar um povo encabrestado. Uma sociedade que se nega a raciocinar, questionar, interpelar, criticar, torna-se escravizada, submetendo-se pacificamente aos discursos autoritários. Leva o oprimido a ter a falsa sensação de que está protegido, seguro, e, por isso mesmo, amedrontado diante das alternativas de mudanças que lhe sejam apresentadas.

A preguiça mental remete ao pecado contra a sabedoria. O preguiçoso mental movimenta-se como se fosse uma folha seca que é carregada pelo vento. Faz sempre a opção que lhe dê menos trabalho, que exija menos esforço, que o exima de ir para o campo da batalha.

É, portanto, um egoísta por excelência. O ócio é uma de suas fontes de prazer. O pensar ativa a razão. O exercício do pensamento crítico desliga o viver no automático e energiza o sistema deliberativo sobre as escolhas que são oferecidas para encaminhar a própria vida, com decisões inteligentes e autônomas. Estamos vivendo um tempo em que as pessoas se entregam facilmente aos estímulos sociais e exteriores, sem que se faça uma reflexão sobre as suas conveniências e consequências. Conduzidas, então, pelas circunstâncias.

A preguiça mental é o melhor formador de um espírito alienado, aparvalhado, afastado dos seus próprios interesses. Não há evolução em nada sem o esforço do pensamento. Que não percamos nunca a liberdade de pensar.

Disponível em: <https://wscom.com.br/coluna/a-preguica-mental/>. Acesso em: 9 out. 2024. (Adaptado).

Predomina, ao longo do texto, o modo de organização textual:

- A) expositivo, uma vez que o autor explica o conceito de preguiça mental.
- B) narrativo, uma vez que o autor conta como a preguiça mental se constrói.
- C) argumentativo, uma vez que o autor defende uma opinião sobre a preguiça mental.
- D) injuntivo, uma vez que o autor oferece instruções às pessoas que sofrem de preguiça mental.

QUESTÃO 5

Leia, respectivamente, os trechos dos contos “A menina de lá” e “Partida do audaz navegante”, ambos presentes em *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa.

CONTO 1

E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.

Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. — “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” — dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: — “*Ele xurugou?*” — e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: — “*Tatu não vê a lua...*” — ela falasse. Ou referia histórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida

ROSA, João G. *Pequenas Histórias*. São Paulo: Global Ed., 2019, p. 67-68.

CONTO 2

Porque, o rio, grossoso, se descomporta, e o riachinho porém também, seu estuário já feio cheio, refuso, represado, encapelado — pororoqueja. — “*Bochechudo!*” — grita-lhe

Brejeirinha. Sumiu-se a última areiinha dele, sob baile de um atalhado de

espumas, no belo despropositar-se, o bulir de bolhas. Brejeirinha já olhou tudo de cor. Cravou varetas de bambu, marcando pontos, para medir a água em se crescer, mudando de lugar. Porém, o fervor daquilo impunha-lhe recordações, Brejeirinha não gostando de mar: — *“O mar não tem desenho. O vento não deixa.*

O tamanho...” Lamentava-se de não ter trazido pão para os peixes. — *“Peixe, assim, a esta hora?”* — Pele duvidava. Divagava Brejeirinha: — *“A cachoeirinha é uma parede de água...”* Falou que aquela, ali, no rio, em frente, era a Ilhazinha dos Jacarés. — *“Você já viu jacaré lá?”* — caçoava Pele. — *“Não. Mas você também nunca viu o jacaré-não-estar-lá. Você vê é a ilha, só. Então, o jacaré pode estar ou não estar...”*

ROSA, João G. **Pequenas Estórias**. São Paulo: Global Ed., 2019, p. 17.

Considerando os trechos apresentados e seus conhecimentos sobre os contos em questão, é **CORRETO** afirmar que:

A) As personagens principais dos contos apresentam relação com o mundo a partir de linguagem figurada, potencializando contato ativo com outros personagens para além da casa de seus pais, em diversos espaços das narrativas.

B) Nos dois contos, a linguagem conotativa das falas das personagens principais é potencializada pelas marcas de coloquialismo, o que evidencia a diferença entre a produção de Guimarães Rosa e os principais pressupostos do movimento estético modernista.

C) Não há linguagem figurada nas falas atribuídas às personagens principais dos contos, o que representa uma clara divisão entre poesia e prosa na obra de Guimarães Rosa.

D) A linguagem conotativa, caracterizada, entre outros aspectos, por divagações, é marca das personagens principais dos contos apresentados, o que contribui para construção de um universo mágico e imaginativo dinamizado pelo mundo infantil.

QUESTÃO 6

Texto

Regredir tecnologicamente também significa regredir civilizacionalmente?

Explosões de pagers e walkie-talkies no Líbano revelam uma miragem ilusória e um risco profundo

José Manoel Diogo

As explosões recentes de pagers e walkie-talkies no Líbano, em ataques atribuídos a Israel, escancaram o abismo de uma guerra que parecia buscar refúgio na simplicidade e acabou criando uma nova forma de pesadelo. Esse pensamento me atravessou como um disparo silencioso, ecoando o desespero moderno em que a tecnologia já não é apenas um avanço, mas uma armadilha que se refaz na simplicidade mais cruel.

Pensem juntos: retroceder para uma tecnologia mais arcaica, menos rastreável, como fez o Hezbollah, poderia representar uma tentativa de reencontrar uma certa segurança, um refúgio? Talvez. Mas, ao que tudo indica, não há volta possível quando o poder encontra meios de manipular até os aparatos mais rudimentares. Há aqui uma ironia letal. O pager, aquele pequeno objeto que emitia bipes ansiosos nos anos 1990, transformou-se numa bomba nas mãos de inocentes, como aconteceu (...) no Líbano. Até podemos querer acreditar que uma tecnologia mais simples nos protege, mas isso não passa de uma ilusão.

O retrocesso tecnológico, nesse caso, é como um retorno ao analógico que acaba resultando em um pesadelo digital, disfarçado de nostalgia. Esta é a cruel realidade do poder: ele é capaz de transformar até as tecnologias do passado em armadilhas para o presente.

Aí reside a questão central: regredir tecnologicamente é também regredir civilizacionalmente? Se a tecnologia define, em certa medida, o avanço da sociedade, o que significa retornar a um tempo anterior? A resposta que se coloca, depois de observar episódios como esse, é que não há inocência no retrocesso. Ao tentar escapar da sofisticação dos drones e algoritmos, o Hezbollah recorreu a dispositivos arcaicos, julgados mais seguros. Mas essa tentativa de fuga da modernidade

colidiu com a realidade nua e crua: até o que é obsoleto pode ser transformado em arma.

Mas o que nos pode intrigar mais é o impacto que esse retorno ao arcaico pode ter em outras esferas. Se começarmos a enxergar o retrocesso tecnológico como uma alternativa de segurança, o que mais poderíamos desconstruir? Na educação, por exemplo, poderíamos imaginar um retorno às lousas e ao giz, sob a crença de que isso nos protegeria das manipulações digitais. Mas, e se, tal como os pagers, essas ferramentas também se tornarem vulneráveis de outras maneiras? Será que o retorno ao simples é a resposta ou estamos apenas nos enganando ao pensar que o passado era mais seguro? Na saúde, a digitalização tem sido fundamental para salvar vidas. Mas, com o medo crescente de ataques cibernéticos, poderíamos começar a voltar a métodos mais antigos, desprezando a precisão que as novas tecnologias oferecem.

Chegamos à conclusão inquietante: a regressão tecnológica, como no caso do Líbano, é uma miragem perigosa. Não há retorno para um tempo mais simples. Essa ideia de que o antigo pode ser mais seguro carrega um risco profundo: o de inaugurar uma nova era de descanso ilusório, na qual, ingenuamente, buscaríamos refúgio em ferramentas arcaicas.

Esse movimento teria, sim, potencial para gerar uma descrença crescente na tecnologia moderna, criando brechas para retrocessos em vários setores e abrindo caminho para novos modos de controle e manipulação.

E o que restaria, então? Talvez uma falsa sensação de segurança, um conforto ilusório no retorno a ferramentas obsoletas, enquanto os verdadeiros mecanismos de poder permanecem intocados.

(Folha de São Paulo, Opinião, José Manuel Diego. Publicado em 21 set. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-manuel-diogo/2024/09/regredir-tecnologicamente-tambem-significa-regredir-civilizacionalmente.shtml> / Adaptado. Acesso em 21 set. 2024)

A questão refere-se ao texto

“Regredir tecnologicamente também significa regredir civilizacionalmente?”

Sobre as figuras de linguagem e as figuras de pensamento presentes no texto, é **correto**

afirmar que:

A) A expressão “ecoando o desespero moderno” (linha 3) é um exemplo de metáfora, pois compara o desespero a um eco, sugerindo que ele ressoa em diferentes contextos da sociedade.

B) A afirmação “o retrocesso tecnológico, nesse caso, é como um retorno ao analógico” (linha 11) utiliza uma comparação, o que caracteriza uma antítese, pois opõe o novo ao antigo.

C) A expressão “uma armadilha que se refaz na simplicidade mais cruel” (linha 4) é um exemplo de hipérbole, uma vez que exagera a ideia de simplicidade ao chamá-la de “cruel”.

D) Em “retornar a um tempo anterior” (linha 15) e em “miragem ilusória” (linha de apoio), há pleonismo, pois o verbo “retornar” já traz a ideia de voltar ao passado, tornando “a um tempo anterior” uma redundância, e miragem já é, por definição, algo que é fruto da imaginação.

QUESTÃO 7

Classificação de risco da IARC

Em maio de 2011, a Agência Internacional de Pesquisas sobre Câncer classificou os campos eletromagnéticos de radiofrequência no grupo 2B, ou seja, como possíveis causadores de câncer para os humanos, com base no aumento do risco de glioma, um tipo maligno de câncer de cérebro associado ao uso de telefones sem fio.

Com base nessa classificação e apoiada nas normas da Comissão Internacional de Proteção contra Radiação Não-Ionizante, Adilza revelou que o tempo médio de uso fixo indicado para celular é de no máximo seis minutos, de preferência com fone de ouvido, ou pelo viva-voz e mensagens de texto, além da consulta ao manual do aparelho para verificar a quantidade e emissão de radiação. Para as crianças, o melhor é proibir. “A exposição é muito pior nas crianças. Os campos eletromagnéticos dos celulares são absorvidos mais profundamente dentro dos seus cérebros do que dos adultos. Quanto mais rápido as células estão crescendo, maior a chance de serem danificadas”, destacou a professora.

Entre os 22.543 casos de morte por câncer ocorridos em Belo Horizonte de 1996 a 2006,

Adilza Dode selecionou 4.924, cujos tipos — próstata, mama, pulmão, rins, fígado, por exemplo — são reconhecidos na literatura científica como relacionados à radiação eletromagnética.

Na fase seguinte, elaborou metodologia, utilizando o geoprocessamento da cidade, para descobrir a que distância das antenas moravam as 4.924 pessoas que morreram no período. “Até 500 metros de distância das antenas, encontrei 81,37% dos casos de óbitos por neoplasias”, conta a pesquisadora, professora do Centro Universitário Izabela Hendrix e da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

“Na fase seguinte, elaborou metodologia, utilizando o geoprocessamento da cidade, para descobrir a que distância das antenas moravam as 4.924 pessoas que morreram no período.” (l. 15-16 – Texto 2)

A expressão “Na fase seguinte”,

- A) realiza a coesão sequencial.
- B) incorpora um dado consensual.
- C) substitui termo da oração anterior.
- D) negocia com o leitor um argumento.

QUESTÃO 8

Textos para a questão.

Envelhecer é uma novidade. Administradores públicos e profissionais de diversas áreas ainda estão tentando entender e se adaptar ao fenômeno recente de uma população que vive cada vez mais. As mudanças são impactantes dentro de casa: em famílias cada vez menores, em que as mulheres – antes as cuidadoras naturais – também passaram a trabalhar, há menos pessoas disponíveis para fazer companhia a idosos mais e mais longevos. Referência, no Brasil e no Exterior, em envelhecimento e longevidade, o médico carioca Alexandre Kalache se surpreende com ele próprio:

– Se você me dissesse, há 50 anos, que eu faria 70 anos e teria minha mãe viva com 98 anos, eu diria que era ficção científica.

Zero Hora. DOC. 23/04/2016.

O trecho que você acabou de ler foi montado com base em várias relações de coesão.

Sobre elas, é correto afirmar que

- A) em “(...) fenômeno recente de uma população que vive cada vez mais”, o vocábulo destacado é uma conjunção integrante que insere uma informação nova no período.
- B) os dois-pontos usados depois de “casa”, na terceira linha, são usados para iniciar uma enumeração e poderiam, portanto, ser substituídos por um ponto e vírgula sem alteração gramatical.
- C) o aposto explicativo “Referência, no Brasil e no Exterior, em envelhecimento e longevidade” aparece invertido com seu referente, portanto a vírgula depois de “longevidade” poderia ser excluída sem incorreção gramatical.
- D) em “teria minha mãe viva com 98 anos”, houve uso de uma figura sintática chamada de elipse a fim de evitar a repetição de um termo facilmente retomado no contexto.

QUESTÃO 9

(UNEC MED - 2025)

Texto IV



Disponível em:
<https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/17/comedia-e-resistencia-nas-satiras-graficas/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

A partir da análise da charge, pode-se concluir que as tragédias naturais que atingem o Brasil:

- A) ocorrem por questões regionais.
- B) resultam da interferência humana.
- C) são estimuladas pelos animais nativos.
- D) acontecem pela vontade sobrenatural.

QUESTÃO 10

Lira Itabirana

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

Quantas toneladas exportamos
De ferro?

Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

DRUMMOND, Carlos. Publicado em: O Cometa Itabirano: 1984.

O poema de Drummond, apesar de ter sido publicado ainda no século passado, mostra-se atual ao:

- A) criticar os perigos do extrativismo para a natureza.
- B) enfatizar o trabalho das empresas estatais no país.
- C) destacar o êxito da atividade industrial brasileira.
- D) contestar o aumento da dívida externa brasileira.

MATEMÁTICA

QUESTÃO 11

O raciocínio lógico é uma das características que se exige do Agente Comunitário de Saúde. Utilize o raciocínio lógico para as duas próximas questões.

Antônio, Beatriz e Carla são ACS que residem e atuam em um dos seguintes bairros: Centro, Cidade Nova e Aeroporto. Quem mora no bairro do Aeroporto, tem menos de 25 anos, quem mora no Centro tem mais de 30 anos e Beatriz tem 27 anos. É correto afirmar que

- A) Antônio mora no Centro
- B) Carla tem menos de 25 anos.
- C) Antônio tem mais de 30 anos.
- D) Beatriz mora na Cidade Nova.

QUESTÃO 12

O raciocínio lógico é uma das características que se exige do Agente Comunitário de Saúde. Utilize o raciocínio lógico para as duas próximas questões.

O *Aedes Aegypti*, que transmite a dengue, tem hábitos diurnos e costuma picar no período da manhã e à tarde. À noite, jamais um mosquito *Aedes Aegypti* vai picar. Outra característica é que ele é silencioso e não faz aquele barulho como o do pernilongo, apesar da semelhança entre eles. A uma pessoa picada às 19 horas por um inseto que não fazia barulho, o ACS pode garantir que

- A) Ela irá pegar dengue.
- B) O inseto era o *Aedes Aegypti*.
- C) O inseto que a picou não transmitirá a dengue.
- D) Ela nunca pegará dengue.

QUESTÃO 13

2. A seguir, se tem uma equação de 2º grau completa. Um dos métodos para a resolução de equações de 2º grau completas é o método da fatoração.

$$x^2 + x - 6 = 0$$

Uma solução para a equação apresentada é

- A) $x = -3$.
- B) $x = -2$.
- C) $x = 0$.
- D) $x = 3$.

QUESTÃO 14

Identificar os coeficientes a , b e c de uma equação do 2º grau é muito importante pois auxilia na sua resolução. João escreveu corretamente em seu caderno os coeficientes da equação do 2º grau dada por: $2x^2 - 3x - 5 = 0$.

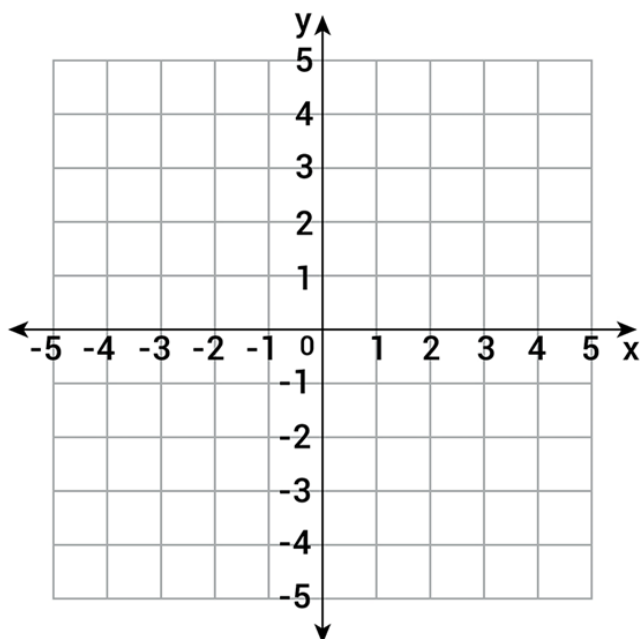
Os coeficientes que João escreveu em seu caderno foram

- A) $a = 2x^2; b = -3x; c = -5$.

- B) $a = 2; b = 3; c = 5$.
 C) $a = 2; b = 3; c = -5$.
 D) $a = 2; b = -3; c = -5$.

QUESTÃO 15

O plano cartesiano é um sistema de coordenadas formado por duas retas perpendiculares chamadas de eixos cartesianos. Com ele, é possível determinar a localização no sistema de coordenadas de todos os pontos ou de qualquer objeto formado por esses pontos localizado no plano.



Considerando o plano cartesiano apresentado, ao marcar os A(3, 2), B(-3, 2), C(-3, -2) e D(3, -2) e depois ligar os pontos na mesma sequência, a figura formada será um

- A) retângulo.
 B) quadrado.
 C) triângulo.
 D) losango.

QUESTÃO 16

(CMDPII) Qual é a lei de formação da função do 1º grau cujo zero da função é 1 e o seu gráfico passa

pelo ponto (-1,2)?

- A) $y = -x + 2$
 B) $y = x - 2$

- C) $y = -x + 1$
 D) $y = x + 1$

QUESTÃO 17

Seja $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ uma função polinomial do 2º grau definida por $f(x) = x^2 + mx + 8 - m$, com $m > 0$. Sabendo que a função f possui uma única raiz real, qual é o valor de m ?

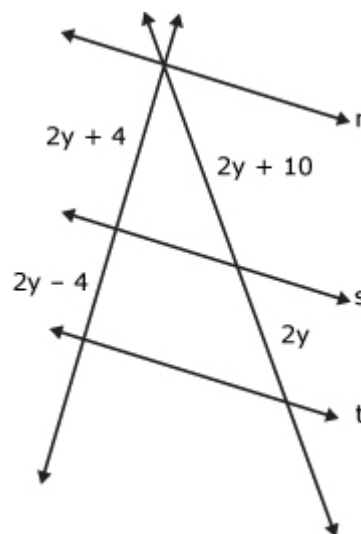
- A) 1
 B) 2
 C) 3
 D) 4

QUESTÃO 18

Teorema de Tales

Um feixe de retas paralelas determina, sobre duas retas transversais, segmentos correspondentes proporcionais.

Utilizando o teorema de Tales, determine o valor de y na figura a seguir, sabendo que $r \parallel s \parallel t$ e que as medidas estão em centímetros.



- A) $y = 1$
 B) $y = \frac{12}{5}$
 C) $y = 9$
 D) $y = 10$

QUESTÃO 19

Números Pitagóricos: uma fórmula de fácil dedução e algumas aplicações geométricas

Um dos teoremas mais antigos e mais famosos da Matemática é o Teorema de Pitágoras que data de aproximadamente 500 a.C. e afirma que $a^2 + b^2 = c^2$, onde a , b e c são, respectivamente, os comprimentos de dois catetos e da hipotenusa de um triângulo retângulo. Segundo uma lenda, quando Pitágoras descobriu o teorema, ficou tão exultante que ordenou que bois fossem sacrificados aos deuses. Porém a descoberta posterior da irracionalidade de $\sqrt{2}$ (e sua consequência: o comprimento da hipotenusa de um triângulo retângulo isósceles com catetos de comprimento dado por um inteiro não pode ser representado por uma razão de inteiros) perturbou imensamente Pitágoras e seus seguidores, pois eles estavam profundamente convictos de que dois comprimentos quaisquer fossem sempre múltiplos inteiros de algum comprimento unitário. Três números inteiros positivos a , b , c que satisfazem a equação $a^2 + b^2 = c^2$ são chamados de números pitagóricos.

ROTHBART, Andréa; PAUSELL, Bruce. Números Pitagóricos: uma fórmula de fácil dedução e algumas aplicações geométricas. *Revista do Professor de Matemática*. Disponível em: <<https://rpm.org.br/cdrpm/7/12.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Considere um triângulo pitagórico, isto é, um triângulo retângulo cujos comprimentos dos lados são números pitagóricos. Sabendo que a hipotenusa de tal triângulo tem medida 13, a soma das medidas de seus catetos é:

- A) 13.
- B) 17.
- C) 18.
- D) 25.

QUESTÃO 20

Considere as seguintes afirmativas relacionadas ao teorema de Pitágoras.

I - Não existe nenhum triângulo retângulo isósceles cujos lados são inteiros.

II - Não existe nenhum terno pitagórico, constituído de números inteiros, no qual um deles é média geométrica dos outros dois.

III - (3,4,5) é o único terno pitagórico formado de três inteiros positivos consecutivos.

IV - Se $(a, a + 1, c)$ é um terno pitagórico, o

mesmo ocorre com $(3a + 2c + 1, 3a + 2c + 2, 4a + 3c + 2)$.

Analisando as quatro alternativas podemos afirmar que:

- A) Apenas III é verdadeira.
- B) Apenas I e II são verdadeiras.
- C) Apenas II, III e IV são verdadeiras.
- D) Todas são verdadeiras.